

Adriana de Oliveira Barbosa

**BRASILIENSES E A IDÉIA DO NÃO-SOTAQUE NO PROCESSO DE
FORMAÇÃO DE IDENTIDADE LINGÜÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Curso de
Lingüística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Lingüística

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim

Unicamp

Instituto de Estudos da Linguagem

2002

UNIDADE DE
Nº CHAMADA UNICAMP
B234b
V EX
TOMBO BC/ 49271
PROC/ 6.837/02
C D X
PREÇO R\$ 11,00
DATA
Nº CPD

CM00167949-1

BIB ID 242103

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL-UNICAMP

Barbosa, Adriana de Oliveira
B234b Brasilienses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de
identidade lingüística / Adriana de Oliveira Barbosa - - Campinas, SP:
[s.n.], 2002.

Orientador: Tânia Maria Alkmim
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sociolingüística - Brasil. 2. Atitudes 3. Dialetos - Brasília (DF)
4. Identidade. I. Alkmim, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Exemplar e a redação final da tese
da por Adriana de Oliveira

Barbara

e aprovada por Adriana de Oliveira orientadora em
19/04/2002.

Banca Examinadora

Tânia Alkmim

Tânia Alkmim

Doutora Tânia Maria Alkmim (orientadora)

Doutora Anna Christina Bentes da Silva

Doutora Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson

Doutor Jonas de Araújo Romualdo (suplente)

Campinas, 26 de fevereiro de 2002.

2002.4282

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Dedicatória

“O fio que prende a pipa é o mesmo que a liberta”

Pedro Tierra

**A Ivete e José,
que estão na base de meus vôos.**

Agradecimentos

A Tânia, por sua orientação e confiança no meu percurso.

A minha família, José, Ivete, Ana, Luciano, Fabiano, Severina, Cláudio, Rafaela, Filipe, João Paulo, sempre presente de coração, pelo apoio emocional e material em todas as ocasiões.

Aos amigos Carmen, Deborah, Nilton, Antônio Carlos, Carmi, Cosme, Claudiana, Sandra, Suzana, Gladys, Fabiana, Chico, Luiz, Livia, pela convivência em Campinas, pelo colorido que deram a esse período.

A Maria Luiza Cunha e Cássia Tomanin, um agradecimento especial pela amizade tão cara e pela leitura atenciosa e comentários de meus escritos ao longo do período.

Aos amigos de Brasília, sempre interessados nos meus avanços e presentes por meio do carinho e apoio.

Às professoras Anna Christina Bentes e Maria Laura Trindade, pelas sugestões dadas no exame de qualificação e pela solicitude em participar da banca de defesa.

Aos funcionários do IEL, sempre solícitos na resolução das pendências burocráticas que nos envolvem.

À Capes, pelo auxílio financeiro que possibilitou o meu Mestrado.

Aos informantes brasilienses, pela disposição em ser entrevistados e fazer parte desta pesquisa.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 BASES TEÓRICAS DA PESQUISA	13
2.1 PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO COM GRUPOS	15
2.2 A TEORIA DA ACOMODAÇÃO LINGÜÍSTICA – PRINCÍPIOS GERAIS	17
2.3 ATITUDES, SABER LINGÜÍSTICO E DISCURSO SOBRE A LÍNGUA	18
3 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	26
3.1 BRASÍLIA E SUA CONSTITUIÇÃO PRIVILEGIADA DE DIVERSIDADE	26
3.2 AS PESQUISAS LINGÜÍSTICAS SOBRE SITUAÇÕES DE CONTATO	29
3.3 OS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS SOBRE BRASÍLIA	32
3.4 A PROPOSTA DE ESTUDO DO SOTAQUE	39
4 A PESQUISA	43
4.1 AS REGIÕES DO DISTRITO FEDERAL ESCOLHIDAS	44
4.1.1 PLANO PILOTO	45
4.1.2 TAGUATINGA	46
4.1.3 CEILÂNDIA	46
4.1.4 GAMA	47
4.2 OS INFORMANTES	47
4.2.1 PLANO PILOTO – QUATRO INFORMANTES	48
4.2.2 TAGUATINGA/CEILÂNDIA – QUATRO INFORMANTES	49
4.2.3 GAMA – QUATRO INFORMANTES	50
4.3 AS ENTREVISTAS	50
5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	55
5.1 CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS	57
5.1.1 A DIVERSIDADE REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL	57
5.1.2 AVALIAÇÃO DOS FALARES “DE FORA”	59
5.1.3 A ORIGEM FAMILIAR	61
5.1.4 A FALA DE BRASÍLIA	62
5.1.5 AS CIDADES SATÉLITES	67
5.2 DISCUSSÃO	69

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
-------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
-----------------------------------	-----------

ANEXO – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	81
--	-----------

Resumo

O presente trabalho investigou atitudes lingüísticas de brasilienses frente à diversidade de sotaques que estão presentes em Brasília desde sua constituição e frente ao processo de formação de um falar próprio das pessoas nascidas na capital. Estudos anteriores abordaram o processo de mudança nos padrões fonológicos dos migrantes e apontaram um incipiente processo de formação de um novo padrão para os nascidos na cidade. Partimos da idéia presente num discurso corrente na cidade de que os brasilienses teriam constituído um falar sem sotaque. Por meio de entrevistas baseadas num questionário semidirigido, os informantes, todos de classe média, moradores da parte central da cidade e de regiões periféricas, foram solicitados a se pronunciar sobre: a diversidade lingüística regional no Distrito Federal; os diversos sotaques brasileiros; a percepção da mudança nos sotaques de seus pais e o falar de Brasília, tópico que constituiu o ponto principal de nossa pesquisa. A avaliação das entrevistas revelou que existe entre os entrevistados a idéia de um grupo brasiliense com um falar próprio que se define por exclusão em relação aos diversos sotaques regionais brasileiros. Esses resultados reiteram o discurso público que constrói uma identidade lingüística regional baseada em valores ideológicos de uma elite que quer se destacar nacionalmente e que, por isso, precisa se definir pela diferença.

Palavras-chaves: atitudes lingüísticas; sotaques regionais; Brasília; identidade lingüística.

1 Introdução

Estamos sempre expostos pela linguagem. Quando falamos, somos fundados como indivíduos e nos situamos no mundo. E talvez por isso haja tantas possíveis manifestações de linguagem. Esse elemento fundador do humano nos particulariza não somente em relação às outras espécies, mas na relação entre nós mesmos. Senão por que tantas línguas, tantas variedades, tantos dialetos, tantos sotaques? Porque essa capacidade lingüística é o instrumento de nossa afirmação como indivíduos dentro de grupos que convivem em espaços diversos.

São as variedades de língua as realizações concretas desse conceito não pouco abstrato que é a linguagem. Os elementos lingüísticos estão colocados à disposição dos usuários imbricados no mundo social concreto e influenciados por ele. Nossa pesquisa parte da idéia geral de que estudar o comportamento lingüístico é também estudar a sociedade em que ele se processa, o que implica estudar os indivíduos dessa sociedade.

O foco nos indivíduos, por sua vez, acarreta a agregação do estudo de valores juntamente com o de fatos ou – como é corrente na sociolingüística – de

dados. A visão sociolingüística que propomos aqui é essa: a de que os processos lingüísticos fazem sentido na percepção dos indivíduos inseridos nesses processos.

Nossa pesquisa localiza-se na capital brasileira, o Distrito Federal, ou Brasília, como ficou batizada. A peculiaridade da formação dessa cidade, constituída basicamente por migrantes de diversas regiões brasileiras, criou um ambiente de contato entre o que chamamos dialetos regionais. Os processos lingüísticos ocorridos em quatro décadas de existência foram de ordens diversas. Um dos mais curiosos é a mudança no sistema fonológico dos migrantes na convivência multidialetal.

Outro fenômeno lingüístico interessante encontra-se presente na fala dos indivíduos nascidos no Distrito Federal, que parecem definir padrões lingüísticos diversos dos de seus pais, fenômeno que tem se refletido principalmente na constituição de uma pronúncia particular e nova, emoldurada em um discurso corrente em Brasília de uma fala neutra, sem sotaque.

Conscientes da dificuldade de se descrever um fenômeno em formação como esse, decidimos partir da investigação de atitudes dos indivíduos envolvidos nesse processo em relação a esse fenômeno. Isso foi feito por meio de entrevistas realizadas com brasilienses residentes em áreas diversas do Distrito Federal.

Procuramos focalizar as representações que os brasilienses têm construído de suas falas, de seus sotaques e tentamos articular essas representações ao caráter mais factual do processo de formação dessa fala, tratado por trabalhos anteriores. Mas reiteramos aqui que nosso interesse principal

repousa nos valores gerados nesse processo, pois acreditamos que estes estão na base das pressões sociais que mobilizam as mudanças lingüísticas.

Essa dissertação é composta de seis capítulos. O segundo capítulo configura as bases teóricas de nossa investigação, em que fica exposto o caráter interdisciplinar em que nos situamos. O terceiro capítulo dá uma idéia geral do contexto em que surgiu a nossa proposta e trata da apresentação de alguns estudos sociolingüísticos que lidaram com processos de mudança. Ele apresenta também estudos sociolingüísticos anteriores sobre o Distrito Federal e discute o sotaque dentro de nossa proposta.

O quarto capítulo descreve o procedimento de realização das entrevistas, com a seleção dos informantes, das regiões do Distrito Federal escolhidas e discute o questionário que serviu de base para as mesmas.

O quinto capítulo corresponde à análise das entrevistas, feita a partir da categorização dos tópicos levantados nas mesmas e procede a uma discussão das idéias lançadas pelos entrevistados.

No último capítulo, fazemos algumas considerações finais e apontamos perspectivas de pesquisa futuras.

2 Bases Teóricas da Pesquisa

Lidar com a linguagem no nível em que nos propomos nesta pesquisa implica dar espaço aos indivíduos, espaço em que eles se definem e se manifestam. A partir disso, assumimos que valores estão acima de fatos e, de certa maneira, os criam e direcionam. Acreditamos que **na percepção dos indivíduos em relação aos grupos de sua sociedade pode estar a chave para a motivação das mudanças em seus comportamentos lingüísticos.**

Assim, ao trazer os indivíduos para a superfície do terreno, situamo-nos numa perspectiva que lida com noções de identificação, solidariedade, poder e, por que não, escolhas (ainda que esse seja um termo a que poucos se atrevam).

Dessa forma não seguimos a direção da sociolingüística tradicionalmente voltada para a noção de comunidade lingüística tomada *a priori*, em que os indivíduos e seus comportamentos não têm relevância com respeito à unidade tomada que é o grupo. Evidentemente, não negamos a existência de comunidades lingüísticas, mas instrumentalizá-las como construtos parece

mascarar a heterogeneidade que, afinal, está presente no uso lingüístico dessas comunidades.

A noção de comunidade lingüística tem sido um construto bastante operacional, porém ele carrega, segundo Romaine (1982), uma carga de homogeneidade que não corresponde à realidade em várias sociedades. “(...) what is a speech community if all of its members do *not* use the rules of a grammar in the same way?”¹ (Romaine: 1982: 15; grifo da autora). O consenso nas definições de comunidade lingüística pelas ciências sociais está na idéia geral de *compartilha* (Saville-Troike: 1982); aliada a outros critérios, essa idéia possibilita um grau maior ou menor de abstração que acaba por trazer para o conceito de comunidade uma certa fluidez. Quantas comunidades podem ser imaginadas, afinal, dentro de uma comunidade maior?

Se partirmos na direção inversa, ou seja, a dos indivíduos, não corremos o risco desnecessário de utilizar uma noção coletiva que só tem sentido se reconhecida pelos membros que a ela atribuam algum valor.

¹ “(...) o que é uma comunidade de fala se todos os seus membros *não* usam as regras de uma gramática do mesmo modo?” (As traduções dos textos originais serão todas de minha autoria)

2.1 Processos de identificação com grupos

Atos lingüísticos como atos de identidade. Essa definição foi proposta pelo sociolingüista Robert Le Page a partir de sua experiência de investigação de comunidades multilíngües e de novas nações providas do colonialismo europeu, na década de 1970. Nesses contextos, tornou-se particularmente difícil encontrar padrões homogêneos de comportamento, visto que os conceitos de grupos e comunidade estavam em formação.

“We do not ourselves then need to put a boundary around any group of speakers and say ‘These are the speakers of Language A, different from Language B’, except to the extent that the people think of themselves in that way, and identify with or distance themselves from others by their behaviour.”² (Le Page & Tabouret-Keller: 1985: 9)

Por esse prisma, as mudanças no comportamento lingüístico só podem ser observadas ao focalizarmos o comportamento dos indivíduos em relação aos grupos com os quais eles desejam identificar-se, pois os padrões de tal comportamento estão, ao longo do tempo, sendo criados e modificados.

Essa idéia central não é somente atribuída a novas comunidades. Antes, é vista como “(...) the common processes through which mankind has

² “Nós não precisamos, então, nós mesmos colocar uma fronteira em torno de qualquer grupo de falantes e dizer ‘esses são os falantes da Língua A, diferentes da Língua B’, apenas na medida em que as pessoas pensem sobre elas mesmas dessa maneira, e identifiquem-se com outros ou distanciem-se deles pelo seu comportamento”.

evolved its languages and its sense of linguistic identity”³ (Le Page & Tabouret-Keller: 1985: 15). Ou seja, localiza-se dentro de um modelo geral de evolução das línguas.

Nesse modelo estão inseridos dois fenômenos relevantes de mudança: difusão e focalização dialetais. Os atos lingüísticos dos indivíduos indicam uma projeção de seus universos particulares e, de certa forma, um convite à sua partilha. À medida que esses atos são aceitos ou não, ocorre a modificação do comportamento com vistas à adaptação aos outros. Assim, um comportamento difuso surge em função da modificação freqüente dos comportamentos individuais no grupo; por outro lado, quanto mais regularidades aparecerem no comportamento do grupo, tem-se aí um comportamento focalizado.

No que se refere aos indivíduos em particular, há restrições para sua atuação nesses processos de identificação. Primeiramente, o indivíduo deve ser capaz de identificar os grupos. Em seguida, ele deve ter acesso aos grupos e a habilidade de analisar seus padrões de comportamento. Além disso, sua motivação deve ser forte o suficiente e é dependente da resposta dos grupos, seja ela de reforço ou repulsa. Por último, o indivíduo deve ter a habilidade para modificar seu comportamento, o que pode se dar com alguma dificuldade em função da idade. (Le Page & Tabouret-Keller: 1985: 182)

³ “os processos comuns pelos quais a humanidade tem feito evoluir suas línguas e seu senso de identidade lingüística”.

Labov (1972) toma emprestado de Gumperz e Ferguson (1960) um modelo do processo de modificação do comportamento individual em relação aos grupos, mas numa perspectiva direcionada às classes sociais:

“1. Any group of speakers of language X which regards itself as a close social unit will tend to express its group solidarity by favoring those linguistic innovations which set it apart from other speakers who are not part of the group.

2. Others things being equal, if two speakers A and B of language X communicate in language X and if A regards B as having more prestige than himself and aspires to equal B's status, then the variety of X spoken by A will tend towards identity with that spoken by B.”⁴ (Labov: 1972: 314)

2.2 A teoria da Acomodação Lingüística – princípios gerais

Os processos de difusão e focalização dialetais estão em consonância com uma teoria formulada no campo da Psicologia Social, conhecida como teoria da acomodação, surgida num contexto de discussão sobre o comportamento individual em interação, a partir da qual vários modelos da dinâmica do discurso foram propostos.⁵ O princípio geral dessa teoria é de que “people are motivated to adjust their speech – or to ‘accomodate’ – in order to express values, attitudes and

⁴ “1. qualquer grupo de falantes de uma língua X que se veja como uma unidade social fechada tenderá a expressar sua solidariedade de grupo favorecendo as inovações lingüísticas que destaquem o grupo de outros falantes externos.

2. sendo iguais todos os demais fatores, se dois falantes A e B de uma língua X se comunicam em língua X e se A enxerga que B tem mais prestígio que ele mesmo e aspira a igualar o status de B, então a variedade de X falada por A tenderá para identificação com aquela falada por B.”

⁵ Cf. Giles & Powesland (1975).

intentions towards others”⁶ (Giles, 1980, *apud*. Bortoni-Ricardo: 1985: 90) A acomodação dá-se em duas direções: uma de convergência e outra de divergência.

A convergência lingüística, baseada no princípio de similaridade e atração, dá-se quando há a modificação, por parte do falante, de sua variedade para uma variedade próxima a de seu interlocutor e reflete o desejo pela aprovação social dos ouvintes. O processo contrário é o de divergência lingüística, quando o falante deseja dissociar-se dos ouvintes, e é parte de um processo maior de distinção intergrupos.

O processo de formação de uma fala particular a Brasília e de um grupo reconhecidamente brasiliense parecem caminhar no sentido de uma convergência, dentro desse contexto de identificação dos indivíduos em grupos, como têm mostrado alguns trabalhos que analisam os processos de mudança nos padrões fonológicos de migrantes em Brasília. (cf. 3.3)

2.3 Atitudes, saber lingüístico e discurso sobre a língua

Atitudes lingüísticas surgem com uma freqüência não rara quando se aborda o uso lingüístico, pois, muitas vezes, ao se tentar chegar ao

⁶ “as pessoas são motivadas a ajustar a sua fala – ou a ‘acomodar’ – com vias a expressar valores, atitudes e intenções em relação a outras.”

comportamento real dos falantes, o que se consegue é antes uma representação do uso. E parece ser mais fácil chegar à representação que à situação em si.

Predominou, durante boa parte do século XX, a crença numa ciência humana objetiva instaurada sobre a autoridade de um pesquisador que revelaria fatos verdadeiros de sociedades distantes a partir de sua observação participante. Clifford (1998) discute com maestria a prática etnográfica baseada nesse princípio. E mostra que:

“(...) nem a experiência nem a atividade interpretativa do pesquisador científico podem ser consideradas inocentes. Toma-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma ‘outra’ realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. Paradigmas de experiência e interpretação estão dando lugar a paradigmas discursivos de diálogo e polifonia.”
(Clifford: 1998: 43)

No contexto da Lingüística, essa crença, que poderíamos chamar de essencialista, traduziu-se já a partir da dicotomia *langue/parole* de Saussure, sendo a *langue* o tesouro resguardado de toda a humanidade e a *parole* a sua manifestação *deturpada* pelo social. Nesse sentido, a *competência* definida por Chomsky como objeto de estudo – e não a *performance* – mostra-se como a radicalização dessa crença, e a busca pela descrição de uma gramática universal, seu ápice.

Na Sociolingüística, essa crença fez-se ver sutilmente na idéia de um vernáculo, na busca pelo registro da *fala natural*. Isso pode ser visto, por exemplo, na larga discussão em torno de procedimentos de acesso ao vernáculo nas pesquisas sociolingüísticas.⁷ Vários estudiosos, porém, questionam a possibilidade de acesso ao vernáculo e mesmo ao uso.

Um exemplo elucidativo desse ponto é dado por Schlieben-Lange (1993) ao tratar do que a autora denomina língua “encoberta” no sul da França: o ocitano. Apesar da dificuldade de se saber como definir os falantes de ocitano, as informações sobre o uso da língua nunca coincidiram com o uso observado. Esse fato acabou por trazer uma distinção teórica importante para o campo de atitudes, de que trataremos mais adiante.

Fato é que as atitudes fazem parte do jogo social e nele são adquiridas. Hymes (1966, *apud* Saviile-Troike: 1982) chama a atenção sobre como a estrutura social pode influenciá-las. Às diferenças sociais dadas adicionam-se diferenças lingüísticas que simbolizam as primeiras. Nesse sentido, “(...) we may use language to discriminate and to control, because we may use it to categorize people, to put or keep them in their place.”⁸ (Saviile-Troike: 1982: 182).

As próprias definições de comunidade de fala com que trabalharam vários autores reivindicavam a noção de atitudes em suas bases. Para Labov

⁷ Milroy (1982) procede a uma discussão ampla sobre metodologias sociolingüísticas, principalmente nos estudos de larga escala. Resta ainda a questão de se existe efetivamente um lugar do vernáculo.

⁸ “(...) nós podemos utilizar a linguagem para discriminar e para controlar, porque nós podemos usá-la para categorizar as pessoas, para colocá-las ou mantê-las em seu lugar.”

(1972a), por exemplo, o que define uma comunidade de fala é o compartilhar normas semelhantes em relação à língua, e não seu uso.

Embora exposta a sua importância para a caracterização das comunidades em geral, os estudos direcionados a atitudes tiveram lugar tradicionalmente em comunidades lingüísticas minoritárias. É no contexto do Canadá francês que surge, no âmbito da Psicologia Social de tradição behaviorista, uma das técnicas quantitativas mais empregadas no campo das atitudes, a “matched-guise technique”, desenvolvida por Lambert e colaboradores nos anos 1960. A técnica consiste em incitar julgamentos indiretos sobre determinada variedade ou língua que está sendo usada como estímulo e mesmo sobre a pessoa que está usando essa variedade (cf. apresentação do estudo de Melo (1988) em 3.3).

Algumas das críticas apresentadas a esse método dizem respeito, por exemplo, à falta de arcabouço teórico em que os estudos behavioristas em geral se apóiam (Schlieben-Lange: 1982). Outra crítica pertinente é a de que boa parte dos estudiosos que empregam métodos quantitativos baseia suas conclusões somente em seus dados numéricos, sem considerar a opinião das comunidades investigadas sobre tais conclusões. (Saville-Troike: 1982).

Ao termo *atitudes* relacionam-se outros, como *estereótipos*, *consciência lingüística*, *saber lingüístico*, *discurso sobre a língua*, que, no jogo metalingüístico, acabam por implicar domínios não pretendidos. Mas há de se fazer uma opção entre eles e, para isso, é preciso explicitá-los.

A noção de *estereótipo*⁹ vem de um processo mais geral de tipificação social e categorização, que são parte de nosso processo de identificação com o mundo exterior. Em vários momentos, porém, o termo assume um valor negativo, pois, como afirma Allport (1954) o processo de estereotipar implica "(...)an exaggerated belief associated with a category. Its function is to justify (rationalize) our conduct in relation to that category."¹⁰ (Allport: 1954, *apud*. Saville-Troike: 1982: 195)

Os julgamentos que lançamos sobre pessoas a partir de traços lingüísticos, os preconceitos que adquirimos quanto ao modo de comportamento adequado nas diversas situações sociais, a negação de valores de determinado grupo, todos esses são exemplos de estereótipos.

Consciência lingüística e saber lingüístico são conceitos próximos e referem-se à faculdade e à prática da percepção, da descrição e da avaliação da comunicação. (Scherfer: 1982). O primeiro apresenta-se problemático, pois alude ao domínio de uma teoria da consciência, com diferenciação necessária entre seus níveis, o que não está em jogo aqui. Em contraposição, Schlieben-Lange propõe o termo saber lingüístico, que eliminaria essa ambigüidade.

Peter Scherfer (1982) elenca uma série de características gerais da consciência lingüística, a saber:

⁹ Não usamos aqui esse termo no sentido estrito em que Labov (1972: 314) o define, quando o localiza numa escala de três elementos envolvidos na mudança lingüística: indicadores, marcadores e estereótipos. O autor os associa a formas lingüísticas específicas. No entanto a idéia de estereótipo como marcado socialmente remete à noção mais geral de que tratamos.

¹⁰ "uma crença exagerada associada a uma categoria. Essa função serve para justificar (racionalizar) nossa conduta com relação a tal categoria."

- relaciona-se a um saber comum;
- está nos indivíduos no nível de percepção interior, num primeiro momento, podendo passar ao nível de atenção;
- é um conceito social, ou seja, determinado no indivíduo culturalmente pelo grupo de que ele faz parte;
- é intencional e histórica, no sentido de que existe em função de interesses e necessidades do grupo em que dada consciência é formada;
- não se configura em um sistema formal consistente, mas parcial, complexo e aberto, podendo ser mesmo contraditório;
- está ligada à língua, pelo poder de objetivação que esta comporta e pelas categorias de descrição que coloca à disposição. É pela língua que expressões de forma fixa, de caráter comum e estereotipado podem ser transmitidas eficazmente;
- é passível de ser criada e manipulada artificialmente, como por exemplo no tratamento de caráter oficial da língua. Essa manipulação pode gerar o que Schlieben-Lange chama de 'falsa consciência lingüística'. (Scherfer:1982: 225-227)

Uma das funções da consciência lingüística apontada por Scherfer, e que nos interessa neste trabalho, é a de diferenciação social e lingüística de comunidades, como o reconhecimento de fronteiras dialetais subjetivas, por

exemplo. Portanto, um dos objetos passíveis de avaliação pela consciência lingüística são as variedades lingüísticas em geral e as regionais em particular.

Schlieben-Lange, a partir de sua experiência com a investigação sobre o ocitano na França, desconstruiu a homogeneidade em que as concepções sobre atitudes se baseavam. Além de um saber lingüístico, a autora propõe a co-existência de um discurso público sobre a língua, que contém elementos do saber e que se coloca nos julgamentos e estereótipos. Esse discurso corresponde ao que efetivamente é dito, e só isso pode, assim, ser colocado em questão. Nessa abordagem,

“(...) il ne faudra pas dire ce que l'individu pense (et à quel degré de conscientisation) ni ce que la société ou des sous-systèmes de la société savent (ce qui serait très problématique), mais on pourra se limiter à ce que les individus, représentants de groupes sociaux *disent*.”¹¹ (Schlieben-Lange: 1982: 222, grifos da autora)

É nesse discurso público sobre o tema aqui tratado que pretendemos situar as enunciações, as atitudes manifestas de brasileiros, porque estamos tratando de um fenômeno que acreditamos ser psicossocial, e que, portanto, está sujeito a estereótipos.

¹¹ “não será preciso dizer o que o indivíduo *pensa* (e a que grau de conscientização) nem o que a sociedade ou os sub-sistemas da sociedade *sabem* (o que seria bastante problemático), mas nós poderemos limitar-nos àquilo que os indivíduos, representantes de grupos sociais *dizem*.”

Propomo-nos, assim, a tratar o tema sotaque no nível do senso-comum, em que acreditamos estar o alcance de representação social dos fenômenos lingüísticos. Além disso, situaremos o fenômeno de focalização dialetal que parece ocorrer em Brasília na própria percepção dos indivíduos em relação ao grupo regional e social *brasiliense*, em que o sentido de identidade lingüística é adquirido, pois, afinal, os processos lingüísticos mostram-se relevantes à proporção que eles têm significado para os indivíduos de que dele fazem parte.

3 Apresentação da Pesquisa

3.1 Brasília e sua constituição privilegiada de diversidade

Brasília nasceu como utopia. O projeto ideal não realizável, o não-lugar. No entanto nasceu; tornou-se real, *locus*. E surgiu capital planejada, cartesianamente traçada. Mas a utopia sobreviveu, ao que parece. E, ao lado do racionalismo de Oscar e Lúcio¹, repousa a mística de Dom Bosco: é corrente ouvir-se em Brasília que o surgimento da cidade fora previsto por um sonho desse religioso do século XIX; na verdade houve uma apropriação de um de seus famosos sonhos, o que gerou uma Ermida dedicada a Dom Bosco, fundada em 1956, antes mesmo da construção do Plano Piloto.

É nessa dialética que se formou essa cidade, que, como toda grande cidade brasileira – o Distrito Federal conta hoje com mais de dois milhões de

¹ Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, arquitetos responsáveis pelo projeto de construção da cidade.

habitantes – é plena de contradições. A começar pelo número de habitantes, o quádruplo do previsto no projeto inicial de construção. A Brasília dos políticos, essa espécie de “oásis” no meio do cerrado seco, atraiu migrantes de todos os estados brasileiros. De início principalmente gente do sudeste: os funcionários públicos do Rio de Janeiro, os mineiros. Aos poucos, gente de todas as regiões, em maior ou menor número.

Logo o Plano Piloto² ficou reservado à classe média e alta, aos políticos e funcionários públicos. Assim, a segregação social no Distrito Federal sempre foi visível. Em torno dessa Brasília central, foram surgindo cidades ditas satélites. Algumas até mais antigas que a própria cidade, como Taguatinga, a maior e mais estruturada, e Núcleo Bandeirante, onde moravam muitos dos operários da construção dos edifícios e palácios. Hoje, o Distrito Federal conta com quinze cidades satélites, algumas servindo à população de classe média que não “coube” mais no Plano Piloto, muitas surgidas como invasões de migrantes pobres.

Assim, não é difícil imaginar a diversidade de questões sociais e culturais que emergem desse cenário. A primeira pergunta que surge quando se quer estudar Brasília é: o que é Brasília afinal? É o Plano Piloto, é a idéia de capital, é o Distrito Federal em si? Logo essa pergunta leva automaticamente a uma outra: quem são os brasilienses? Onde eles estão e como se vêem?

² O Plano Piloto corresponde ao traçado do avião feito por Lúcio Costa. Nele estão inseridos o eixo central, que abriga os bairros Asa Sul e Asa Norte, os Lagos Sul e Norte, o Cruzeiro e o Setor Sudoeste.

Dados de 1997 da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central - Codeplan - confirmam que os brasilienses já são quase metade da população do Distrito Federal: 44%. Logo, um recorte possível numa investigação em Brasília é o de pesquisar os brasilienses, as pessoas nascidas no Distrito Federal. É esse primeiro recorte que escolhemos aqui para nossa pesquisa lingüística. O segundo é mais complexo e diz respeito ao aspecto geográfico abordado na pergunta sobre Brasília. Tendo em vista que o Plano Piloto, com seus quase duzentos mil habitantes, representa apenas 10% da população do Distrito Federal, não se pode dizer que ele constitui Brasília, embora não possamos ingenuamente ignorar a importância social do Plano Piloto na construção da imagem de Brasília pelos brasilienses dentro e fora do Distrito Federal. Três cidades satélites foram, assim, incluídas na pesquisa: Taguatinga, Ceilândia e Gama, numa tentativa ainda incipiente de atingir a representatividade da região.

Resolvemos investigar, então, brasilienses dentro de uma realidade complexa de formação de uma região caracterizada principalmente por reunir pessoas de origens geográfica e social diversas. Estamos aqui diante de uma população essencialmente urbana e num terreno de construção de uma identidade regional a partir da diversidade. Nesses quarenta e poucos anos de existência, a capital federal tem tentado firmar-se como centro cultural e metropolitano. Interessa-nos avaliar como os indivíduos envolvidos nesse processo enxergam as mudanças lingüísticas aí implicadas e como constroem sua identidade lingüística.

Vejamos as pistas que podem ser dadas sobre estudos voltados à diversidade e ao contato entre diferentes variedades.

3.2 As pesquisas lingüísticas sobre situações de contato

Das situações de contato entre povos de diferentes línguas ou entre falantes de diferentes variedades de uma mesma língua sempre surgiram dados instigantes sobre a relação entre língua e sociedade. Sabemos que a heterogeneidade é marca da realização social da língua. Ou seja, em qualquer comunidade, em qualquer manifestação de um grupo lingüístico, há variações de dada língua. Todavia essas situações geográficas de contato evidenciam aspectos sociais que ficam muitas vezes implícitos em outras condições mais estáveis.

São diversos os estudos sociolingüísticos sobre situações de contato. Estudos de mudança ou manutenção lingüística, de *code-switching*, de crioulistica etc. Eles revelaram muito da relação entre língua e sociedade. Como exemplo de um desses estudos temos o trabalho pioneiro de William Labov (1972a) na ilha de Martha's Vineyard, em que se verificou que o processo de mudança de ditongos nas falas de habitantes da ilha estava sendo movido principalmente pelos jovens, em consonância com uma atitude de afirmação de uma identidade local em oposição ao turismo crescente na ilha.

O artigo de Blom e Gumperz (1972), intitulado "Social Meaning in Linguistic Structure: Code-Switching in Norway", apresenta o estudo realizado em uma pequena comunidade bilíngüe de uma cidade norueguesa, Hemnesberget. Os autores investigaram o significado das escolhas lingüísticas feitas pela população da cidade, num processo de alternância entre um dialeto local,

característico da região, e um dialeto nacional padrão, aprendido por meio da educação formal e usado em transações oficiais, na religião e na mídia. A população local dominava os dois dialetos.

O dialeto local era associado pelos falantes a valores específicos da comunidade e era empregado proporcionalmente à conservação desses valores. Assim, o uso desse dialeto pelas diversas classes sociais da comunidade variava. Alguns dos resultados apresentados mostravam que parte da comunidade usava prioritariamente o dialeto local, reservando o uso do dialeto nacional padrão apenas com estranhos e em situações impessoais. Jovens variavam o uso dentro de casa, utilizando o dialeto local na maior parte do tempo e o dialeto nacional padrão quando tratavam de assuntos em que os valores associados relacionavam-se aos valores de fora, embora essa troca não fosse consciente. A elite local usava o dialeto padrão correntemente e usava o dialeto local apenas em situações informais, como contar piadas, por exemplo.

Outro estudo relevante na questão de valor social de variedades lingüísticas foi aquele realizado por James e Lesley Milroy no final dos anos de 1970 em Belfast, Irlanda. O estudo investigava três comunidades operárias, que, embora estivessem incluídas numa mesma classe social, apresentavam estruturas sociais internas diferentes. A investigação sociolingüística desses grupos uniu a metodologia de co-variância empregada nos estudos labovianos e o estudo das redes sociais dos indivíduos das comunidades, procedimento vindo das ciências

sociais³. Um desses grupos, especialmente, tendia para redes de alta densidade e “multiplexidade”, isto é, com relações baseadas em laços estreitos que unem as pessoas por vários aspectos da vida social, como ser ao mesmo tempo vizinho, colega de trabalho e membro de uma mesma associação recreativa, por exemplo. Verificou-se que havia uma relação importante entre a pertença a uma rede desse tipo e a conservação de padrões vernaculares usados pelo grupo. O contrário disso são as redes com baixa densidade, ou difusas, e “uniplex”, em que os indivíduos relacionam-se com os outros em apenas uma direção, como no caso da relação de trabalho patrão-empregado. (Milroy: 1980). A pertença a redes desse tipo favorece a aquisição de padrões mais formais.

Essa idéia vem ao encontro do estudo anterior de William Labov com adolescentes no Harlem, em Nova Iorque (Labov: 1972b). Por meio de uma metodologia diversa, a sociométrica, foi possível estabelecer três níveis de ligação dos jovens negros com as gangues de adolescentes. Quanto maior a ligação dos jovens com determinada gangue, maior a aderência ao que Labov denomina gramática do inglês vernacular negro por parte desses jovens.

Esses estudos indicaram inequivocamente a idéia de que às variedades lingüísticas são atribuídos valores, estes advindos das mudanças sociais a que as comunidades estão sujeitas, como industrialização e urbanização, por exemplo, mas também advindos de relações que poderíamos chamar de afetivas entre os indivíduos e seus grupos ou comunidades.

³ Cf. Bortoni-Ricardo (1985: 75-79).

A afetividade atribuída a determinadas variedades, geralmente vernaculares, ou a determinada língua materna, numa situação de bilingüismo, é mais facilmente detectada em comunidades tradicionais, em países com longa história, como as nações européias, por exemplo. No caso de novas nações, como é o caso brasileiro e como é o caso de vários países africanos, essa identificação não é tão fácil de ser estabelecida, como observou Fishman (1972, *apud*. Bortoni-Ricardo: 1991).

Se o Brasil é tido como uma nação relativamente nova, com meio milênio de formação, o que dizer de Brasília, com menos de meio século? No entanto, a característica de diversidade e de terreno de contato multidialetal da capital fez com que a cidade oferecesse dados para vários estudos sociolingüísticos, ligados a esse contexto.

3.3 Os estudos sociolingüísticos sobre Brasília

Os estudos sociolingüísticos sobre Brasília surgiram primeiramente com a idéia de investigar o processo de mudança nos sistemas lingüísticos dos migrantes, sobretudo no padrão fonológico, a partir do contato multidialetal estabelecido na capital.

Eles empregaram a metodologia de quantificação de variáveis chamadas *dependentes* a partir do estabelecimento de fatores lingüísticos e indicadores sociais condicionadores da variação, chamadas de variantes

independentes. A partir do estabelecimento da variável lingüística em questão, verifica-se em termos de porcentagem e probabilidade como os fatores condicionadores relacionam-se com o fenômeno de variação em questão. Os fatores lingüísticos condicionadores são determinados contextualmente, de acordo com o fenômeno estudado. Os fatores extralingüísticos, ou sociais, por sua vez, são geralmente os indicadores sociais padrão, como sexo, escolaridade, classe social, nível cultural. Essa é a metodologia de análise empregada por Labov em seus trabalhos e que foi bastante difundida nos trabalhos sociolingüísticos brasileiros, dentro do que se costuma denominar sociolingüística variacionista laboviana.

Um dos trabalhos pioneiros nessa linha em Brasília foi empreendido por Bortoni-Ricardo (1985) em uma área rural de Brazlândia, à época a segunda cidade satélite com nível de renda mais baixo no Distrito Federal. Procurava-se verificar o processo de aquisição de traços lingüísticos urbanos por migrantes de origem rural. A amostra constituiu-se de 33 adultos, 16 homens e 17 mulheres, e um grupo de controle de 13 jovens, 7 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, entre 15 e 25 anos, solteiros, ligados por parentesco aos adultos. Todos os jovens viviam com os pais. Os adultos tinham idade de 24 a 71 anos, e haviam migrado para o DF com idade de 16 anos ou mais. A autora empregou o mesmo procedimento de investigação adotado por Milroy (1980) no estudo em Belfast, que associou a análise quantitativa laboviana ao estudo de redes sociais.

A escolha de uma comunidade de origem rural permitiu a verificação da densidade das redes sociais em que vários dos informantes estavam inseridos,

além da existência de um processo de integração a redes mais difusas por parte de alguns. Em comunidades eminentemente urbanas, as redes sociais constituem-se basicamente por redes difusas. Ao associar a análise de redes sociais à quantificação de variáveis lingüísticas de fala rural pelo método de co-variância, Bortoni-Ricardo verificou que o aparecimento de traços lingüísticos urbanos nos adultos estava associado às redes sociais dos informantes. Os indivíduos mais integrados a redes difusas, em contato com pessoas de características diferentes de seu grupo, apresentavam um processo de aquisição desses traços lingüísticos urbanos que não se verificou com os indivíduos imersos apenas naquela comunidade.

Em relação aos jovens, houve a comprovação de que é raro uma segunda geração de falantes que adote as mesmas regras de seus pais. (Labov: 1972a) Assim como os padrões culturais mudam de geração para geração, também os padrões lingüísticos estão em mudança. Os jovens de Brazlândia demonstraram um uso lingüístico diverso do dos adultos, estando aqueles adiantados no processo de adoção de variantes urbanas mais prestigiadas.

Outra pesquisa direcionada ao processo de difusão dialetal, com o procedimento de análise laboviano, foi realizada por Adant (1988) com migrantes alagoanos com pelo menos dez anos de estabelecimento em Brasília numa investigação comparativa com alagoanos não-migrantes. Foram quarenta informantes: vinte em várias localidades do Distrito Federal e vinte em Alagoas, com distinção de origem urbana e rural. As variáveis estudadas foram o rebaixamento das vogais pretônicas /e/ e /o/, marca característica da fala

alagoana e de outras localidades do Nordeste e a africação de /t/ e /d/ diante de /i/, fenômeno não-padrão na fala alagoana. Os resultados demonstraram que os alagoanos em Brasília encontravam-se em processo de difusão dialetal quanto àqueles traços fonológicos, sendo que as pessoas de origem urbana e as mulheres estavam adiantadas no processo. Um dado importante trazido pelo estudo é que essa reestruturação fonológica acontecia com falantes adultos que haviam migrado com a idade de 17 anos ou mais para Brasília, idade em que se considera formado o sistema fonológico de um indivíduo.

O foco no aspecto de comunidade urbana foi dado no estudo realizado por Hanna (1986), com o objetivo de verificar mudanças no padrão fonológico de duas gerações de classe média do Plano Piloto: a de migrantes e seus filhos, nascidos ou criados em Brasília, jovens cursando o 1º ano do ensino superior à época da pesquisa. Foram escolhidos dois estados de origem: Rio de Janeiro, tido como representante de um dialeto de prestígio na região, e Paraíba, tido como um dialeto estigmatizado na região. Pelo método de análise quantitativa de co-variância, verificou-se a ocorrência, em relação a cada estado, das variantes fonológicas diversas características dos dialetos regionais em questão. Constatou-se que os padrões fonológicos da primeira geração, ou seja, dos pais, apresentavam mudança em relação às variantes de origem, em maior grau para os paraibanos e em menor para os cariocas.

Essa mudança caracterizava o que o linguísta Le Page chamou de processo de difusão dialetal, quando marcas características são abandonadas em favor de outras não facilmente identificáveis com um falar específico (cf. 2.1). Esse

processo é comum em situações de contato. A geração dos filhos apontava - quase categoricamente no caso dos paraibanos e relativamente no caso dos cariocas - para a mudança em relação às marcas dos pais, o que gerou uma segunda etapa da pesquisa apenas com brasilienses, com vias a apontar para uma possível padronização de pronúncia local, um possível processo de focalização dialetal, oposto ao processo de difusão citado.

A autora configurou alguns traços fonéticos característicos do que seria a fala brasiliense de classe média, comparando-a à fala “neutra” e cuidada dos apresentadores de telejornais nacionais. O estudo reiterou, ainda, que o falar brasiliense constituiria um falar aparentemente sem sotaque, “(...) sem traços muito marcantes, não se assemelhando a nenhum sotaque focalizado brasileiro, como o gaúcho, o carioca, o paulista, o mineiro ou o nordestino”. (Hanna: 1986: 131)

Essas afirmações ratificam o discurso corrente entre os brasilienses de que eles próprios não têm sotaque, ainda que não vejamos no trabalho qualquer discussão sobre o conceito tratado. Embora faça uma análise objetiva de alguns traços fonéticos, que poderia ser usada para caracterizar o sotaque brasiliense em formação, a autora trata os resultados no nível do discurso público, do estereótipo, que é o de sotaque como valor negativo e que, no senso comum, é visto como o do outro.

A diversidade dialetal em Brasília gerou também um estudo de atitudes lingüísticas feito por Melo (1988) sobre avaliação de seis dialetos regionais por residentes de Brasília pelo método do “matched-guise technique”, surgido no

Canadá, em que juízes fazem inferências indiretas sobre falas e falantes a partir da avaliação da leitura de um mesmo texto em línguas diferentes por um mesmo leitor. Na pesquisa específica de Melo, a técnica foi modificada por se tratar de leitores diferentes. Assim, representantes de quatro regiões e seis estados brasileiros foram avaliados a partir dessa técnica: Nordeste (Pernambuco); Centro-Oeste (Goiás); Sudeste (São Paulo: Jundiaí; Rio de Janeiro); Sul (Rio Grande do Sul) e Brasília.

O objetivo do estudo era investigar se havia o reconhecimento por parte dos residentes em Brasília dos seis dialetos e se as reações subjetivas a esses dialetos indicavam uma escala de prestígio. Na avaliação, os 120 juízes (60 de escolaridade média e 60 de escolaridade primária) deviam atribuir valores às variedades regionais numa escala de diferencial semântico de 5 pontos, atribuir uma profissão numa lista de dez (cinco de prestígio e cinco desprestigiadas) à voz avaliada e identificar a região e o estado a que o leitor pertenceria. Os resultados foram aproximados para os representantes das duas escolaridades estudadas.

Os dialetos pior avaliados foram os de Pernambuco e Goiás. O do Rio de Janeiro foi avaliado modestamente e os de Porto Alegre e São Paulo, positivamente. O dialeto melhor avaliado foi o de Brasília, embora a identificação com a região e o Estado não tenha sido positiva. Uma segunda etapa, realizada no Ceará, com 50 juízes cearenses, universitários, consistiu na apreciação de três dos seis dialetos: o carioca, o nordestino e o de Brasília. Os resultados mostraram a mesma hierarquia vista na avaliação em Brasília, o que, segundo o autor, significava que os cearenses avaliavam mais positivamente os dialetos das

regiões centro-sul que o de sua própria, no caso o de Pernambuco. Essa avaliação reforça, a nosso ver, a própria noção estereotipada corrente de que os nordestinos são uma população só e que seus falares e mesmo valores são semelhantes. Uma avaliação do próprio dialeto local provavelmente revelaria resultados muito diferentes dos encontrados em relação à região.

Embora o estudo de Melo apresente muitos dados estatísticos e pouca análise qualitativa dos dados, há resultados relevantes a respeito da questão dos dialetos e de seus valores no contexto brasileiro. O primeiro deles, e mais geral, reforça a idéia de que as pessoas se sentem efetivamente capazes de tirar conclusões sobre os outros a partir de suas falas.

O segundo é que os diversos sotaques regionais brasileiros gozam de diferente prestígio em Brasília, prestígio que não está diretamente associado ao número de migrantes de determinada região na capital. Dados da Codeplan, de 1997, indicam que a região Nordeste é a mais representada no DF. O estado que representa a maioria dos migrantes é Minas Gerais; em segundo, Goiás. Esses dados não apresentam consonância com a avaliação de dialetos feita por Melo, já que o dialeto nordestino era o menos prestigiado. O que parece, afinal, determinar o valor social de dialetos regionais é o desenvolvimento econômico das regiões.

Outro dado bastante relevante surgido dessa pesquisa diz respeito ao dialeto brasiliense. Sua alta avaliação indicava, como reforçou Bortoni-Ricardo, um sinal de busca por uma identidade, que "(...) implies basically a dissociation from

other cities, especially from those of the underdeveloped areas.”⁴. (Bortoni-Ricardo: 1991:51). A própria falta de identificação do dialeto à região Centro-Oeste e ao Distrito Federal reforçavam a idéia de uma incipiente focalização dialetal apontada anteriormente por Hanna (1986).

O quadro da situação de contato dialetal em Brasília revelado nesses estudos indicava tanto um processo rápido de difusão dialetal, ao mesmo tempo em que o status da cidade como capital sugeria que a direção dessa difusão se desse no caminho de uma focalização a partir de traços lingüísticos avaliados como de prestígio do português que diferenciasssem e fixassem os novos “de dentro”.

O que sentimos falta nesses trabalhos é saber em que medida os usuários investigados, os informantes, corroborariam os resultados apresentados, isto é, se os fenômenos de mudança eram conscientes, eram assumidos ou até desejados. Isso só nos pareceria possível com estudos complementares de atitudes associados às análises lingüísticas.

3.4 A proposta de estudo do sotaque

A situação multidialetal em Brasília mostrou-se propícia tanto para estudos sociolingüísticos tradicionais quanto para estudos de atitudes, sobretudo

⁴ “implica basicamente a dissociação de outras cidades, especialmente dessas de áreas não desenvolvidas.”

no que concerne aos dialetos regionais em contato. Tendo em vista que o que caracteriza mais fortemente os dialetos regionais brasileiros são marcas fonéticas, decidimos, neste estudo, dar destaque ao sotaque como marca relevante desses dialetos. Sabemos que esse é um conceito que abarca níveis diversos.

Num nível estritamente técnico podemos situar sotaque como elemento constituinte de um sistema maior, que é o dialeto. Na definição de Laver & Trudgill (1979: 17): as realizações articulatórias das unidades lingüísticas (consoantes, vogais, entonação, tom, ritmo etc) compõem a base fonética do sotaque do falante. A partir dessa delimitação, estabelece-se que sotaque é uma “unidade” menor que dialeto, que abarcaria ainda aspectos morfossintáticos e lexicais. (Chambers & Trudgill: 1980)

Nesses termos, podemos falar de um sotaque carioca e descrevê-lo a partir de seus traços fonéticos, como podemos igualmente falar de um sotaque paulista da capital, do interior, de um sotaque mineiro de Belo Horizonte, do sul de Minas etc. Ou seja, cada lugar desenvolve um sotaque passível de ser descrito tecnicamente.

Milroy (1982:141) chama a atenção para o fato de que a noção de sotaque “appears to be psycho-social rather than strictly linguistic”⁵. Sotaque representa, como salientam Laver & Trudgill (1979: 17), “(...) perhaps the outstanding example of a social marker in speech”⁶.

⁵ “parece ser mais psicossocial que estritamente lingüística”

⁶ “talvez o exemplo notável de uma marca social na fala”

Essa noção psicossocial de que falou Milroy conduz o termo sotaque para um nível de valores e representação que envolve os indivíduos e as concepções que eles atribuem a fatos lingüísticos. Bourdieu (1982) propõe a existência de um mercado lingüístico em cujo interior os “fatos” da língua têm valores simbólicos. Esse autor chama atenção, nesse contexto, para a idéia de que critérios tidos como objetivos para a identificação regional ou étnica – e aí estão as línguas, os dialetos e os sotaques – são, na prática de natureza social, objetos de representação mental, de apreciação e percepção, lugares de investimento por parte dos agentes de pressupostos e interesses, além de serem atos de manipulação simbólica. Esses critérios “(...) acabam funcionando como signos, emblemas ou estigmas e, também, como poderes”. (Bourdieu: 1982: 108)

Nesse nível de representação é que situaremos o termo em nossa pesquisa. Nesse contexto podemos situar as noções dicotômicas que vemos surgir associadas a sotaque: marcado x não-marcado, cantado x sóbrio, arrastado x corrido, bonito x feio. Esses valores estendem-se do lingüístico ao social. Assim, associa-se a idéia de um sotaque baiano cantado e arrastado a de uma população baiana tranqüila e preguiçosa, por exemplo. Ou de um sotaque gaúcho “forte” a uma certa prepotência da população gaúcha em geral.

Vemos surgir aqui um certo valor negativo atribuído à noção de sotaque, quando se levanta a possibilidade de um não-sotaque, de uma fala neutra. É essa a idéia que parece estar representada pelos brasilienses sobre sua própria fala. A idéia de um sotaque não-marcado, “neutro”, semelhante à fala de

parte da mídia jornalística (Hanna: 1986; Bortoni-Ricardo: 1991), de um não-sotaque como entidade distinta característica de uma fala atribuída aos brasilienses suscita várias questões a respeito do “fato” sociolingüístico e de imbricações entre níveis técnico e representacional. Retomando os conceitos tratados no capítulo 2, parece-nos possível afirmar que a representação é o que emerge dos fatos e os suplanta.

Nesses quarenta e poucos anos de existência como capital, Brasília viu surgir um falar constituído numa fusão que o singulariza em relação aos sotaques regionais existentes ali. A escolha brasiliense parece apresentar-se como uma escolha talhada *pelo* e *para* o prestígio, como sugerem as pistas dadas pelos estudos citados anteriormente.

O que se pretende aqui, como dito anteriormente, é desvelar essa representação ao **tentar entender como os sujeitos sociais representantes desse falar o percebem e manifestam-se em relação a ele e aos outros**. Para isso, propomos um estudo de atitudes explícitas em Brasília, com informantes brasilienses, por meio de entrevistas dirigidas sobre o tema.

4 A pesquisa

Os estudos sobre atitudes estão tradicionalmente ligados aos países em que situações claras de conflitos interétnicos estão presentes. Porém a diversidade lingüística encontra-se em todas as sociedades. No Brasil, a idéia de homogeneidade propagada no discurso de que “falamos todos a mesma língua” não consegue mascarar esse fato.

Num território de diversidade lingüística regional como é Brasília e como são as diversas cidades de imigração intensa, fica clara a idéia de que essa homogeneidade, muitas vezes traduzida em harmonia, não tem lugar na sociedade e que as variedades de nossa língua, sejam elas regional ou socialmente marcadas, estão a serviço dos falantes antes para marcar diferenças que reivindicar semelhanças.

Embora possamos vislumbrar uma tendência universalizante de fusão em detrimento de peculiaridades em situações de contato, como afirma Labov

(1972a: 300), acreditamos que nesses contextos as pressões sociais têm muito mais força que qualquer tendência sistêmica.

Assim, o processo de construção de um dialeto focalizado, com características próprias, antes de estar previsto no sistema lingüístico dos falantes, está sendo moldado socialmente por pressões externas de naturezas diversas.

Nossa pesquisa pretendeu verificar atitudes explícitas de brasilienses sobre o tema sotaque dentro do contexto de diversidade do Distrito Federal. O processo de coleta de dados deu-se por meio de entrevistas feitas na cidade entre agosto e setembro de 2001 durante um mês e gravadas em áudio com autorização prévia dos informantes. Essas entrevistas basearam-se num questionário prévio construído com o intuito de facilitar a coleta.

Optamos por trabalhar com um número reduzido de informantes - doze - em virtude principalmente do tempo de que dispúnhamos para a consecução da pesquisa. Isso implica que a nossa pesquisa tem antes um caráter indiciário que conclusivo. Entretanto sabemos que as representações sociais são compartilhadas e adquiridas socialmente. Nesse sentido, um indivíduo revela mais que apenas sua opinião quando se manifesta diante de dado tema.

4.1 As regiões do Distrito Federal escolhidas

Como expusemos anteriormente, uma pesquisa no Distrito Federal precisa levar em consideração a diversidade das regiões que o compõem. Sendo

assim, foram eleitas, neste estudo, três cidades satélites e o Plano Piloto, sobre os quais faremos algumas considerações gerais.

As cidades satélites escolhidas têm como característica comum, dentre as mais antigas, serem as de localização mais distante do Plano Piloto. Todas contam com administradores públicos específicos, com hospitais (exceto Ceilândia) e escolas de ensino fundamental e médio. Apesar disso, nem todas são auto-suficientes, sobretudo economicamente. Isso torna possível que a relação de algumas satélites com o Plano Piloto possa ser vista como uma relação entre bairro periférico e centro de uma mesma cidade. Porém a categorização em cidades continua.

4.1.1 Plano Piloto

O Plano Piloto corresponde à parte central do Distrito Federal e concentra uma população residencial de classes média e alta, além dos setores ligados à administração pública, bancos, comércio, escolas, universidade, hospitais. No projeto original de construção da cidade, é representado pelo traçado do avião, com o eixo central e duas asas.

Muitos moradores do Plano Piloto não têm qualquer contato com as cidades satélites do Distrito Federal. Uma das razões é que o projeto de capital está ali concentrado, com todos os serviços necessários disponíveis. Outra razão

diz respeito à segregação social presente no Distrito Federal: o Plano Piloto *pertence* às classes média e alta.

Hoje o Plano Piloto conta com aproximadamente duzentos mil habitantes, o que representa apenas 10% da população do Distrito Federal. Mas uma pesquisa sobre Brasília não pode desconsiderar dados dessa região, pois ali estão os discursos e representações que traduzem a capital para ela mesma e para o resto do país. É na população criada no seio desse projeto de cidade que se encontram os esforços em direção à afirmação da capital como centro cultural, como pólo diferencial em relação às outras cidades brasileiras, ou seja, na busca de se firmar real no que surgiu ideal.

4.1.2 Taguatinga

Taguatinga, distante 25 Km do Plano Piloto, é a cidade satélite mais antiga do Distrito Federal, fundada antes mesmo de Brasília, em 1958. É um pólo industrial e comercial. Possui uma população de aproximadamente 240 mil habitantes. Essa também é uma cidade de classe média. É bastante provida de serviços.

4.1.3 Ceilândia

Ceilândia surgiu como várias cidades surgem no Distrito Federal: como invasão. É uma extensão da cidade de Taguatinga e foi durante muito tempo a

cidade mais violenta do DF. Sua população é de classes baixa e média e conta hoje com cerca de 340 mil habitantes. Muitos moradores deslocam-se para trabalhar em Taguatinga e no Plano Piloto. Está inclusa no que se costuma denominar “cidades-dormitório”, pois não conta com serviços suficientes para sua população.

Em nossa pesquisa, Taguatinga e Ceilândia serão agrupadas em uma mesma região, visto que os informantes de Ceilândia – dois – tiveram ou têm forte ligação com Taguatinga.

4.1.4 Gama

O Gama está a 35 Km do Plano Piloto. Comporta uma população de classes média e baixa e se configura também como uma cidade-dormitório. Sua população é de aproximadamente 130 mil habitantes.

4.2 Os informantes

A escolha dos informantes viu-se em primeiro lugar subordinada ao modelo de coleta de dados definido, que foi o de entrevista dirigida. Em segundo lugar, o tempo relativamente curto de que dispúnhamos para a coleta de dados levou-nos a restringir o universo de informantes a pessoas escolarizadas, em nível médio e superior, o que se justifica pela relativa facilidade de trânsito da própria pesquisadora nesse contexto. Sabemos que, no Brasil, escolaridade está

fortemente associada a nível social; portanto nos vimos limitados também a um grupo representativo da classe média.

Sendo assim, constituímos as células de pesquisa, que, pela distribuição igualitária entre sexo e nível de escolaridade, totalizaram 12 informantes, como indica a tabela abaixo:

Distribuição dos informantes

Plano Piloto				Taguatinga/Ceilândia				Gama			
Feminino		Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		Masculino	
NM	NS	NM	NS	NM	NS	NM	NS	NM	NS	NM	NS

NM- nível médio NS- nível superior

A idade do grupo variou entre 19 e 40 anos. Todos eram solteiros, nascidos no Distrito Federal ou chegados à região até os nove anos de idade. Meu contato com eles deu-se sempre por intermédio de um conhecido comum. Teceremos a seguir alguns comentários individuais sobre eles:

4.2.1 Plano Piloto – quatro informantes

J, 24 – filha de pais cearenses, nasceu e sempre morou em Brasília. É estudante universitária e tem contato freqüente com a região de seus pais.

T, 40 – é músico e professor. Descendente de mineiros, sempre morou em Brasília.

S, 25 – filha de mineiros. É psicóloga e servidora pública. Nunca morou fora de Brasília, mas tem contato com a região de origem dos pais freqüentemente.

CH, 24 – filho de cearenses, estudante universitário. Viaja pelo menos uma vez por ano à região de seus pais.

4.2.2 Taguatinga/Ceilândia – quatro informantes

C, 19 – morador da Ceilândia, ingresso recentemente na universidade, nasceu em Belo Horizonte e chegou a Brasília com 7 anos de idade. Filho de pais goianos. Estudou em Taguatinga, Ceilândia e agora estuda no Plano Piloto.

F, 24 – é formada em Direito e trabalha numa empresa estatal da região, no Plano Piloto. Filha de um goiano e de uma mineira, nasceu e sempre morou em Taguatinga. Como muitos parentes vieram para o DF, não tem vínculo com as regiões de seus pais.

Lo, 20 – estudante de Direito em uma faculdade do Plano Piloto, estudou anteriormente em Taguatinga e Ceilândia, onde mora. Filha de pai goiano e mãe maranhense; vai freqüentemente a Goiás, mas não ao Nordeste.

H, 28 – servidor público, trabalha no Plano Piloto e mora em Taguatinga. Filho de nordestinos do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, tem muitos parentes no Distrito Federal.

4.2.3 Gama – quatro informantes

A, 22 – nasceu no Gama e lá sempre residiu; estuda em universidade no Plano Piloto. Seu pai é do Rio Grande do Norte, e sua mãe, de Minas Gerais. Muitos parentes vieram para Brasília.

D, 20 – filha de pais mineiros, estudante universitária no Plano Piloto, vai sempre para a região dos pais.

Ja, 30 – professora, nasceu em Paracatu, Minas Gerais, e veio para o Gama com 8 anos de idade. Estudou no Gama e no Plano Piloto. Muitos de seus parentes vieram para o Distrito Federal.

L, 23 – psicólogo, filho de pais cearenses. Nasceu no Plano Piloto e mudou-se para o Gama ainda criança. Fez a graduação no Plano Piloto. Tem muitos parentes em Brasília.

Como se pode perceber, todos os informantes têm forte ligação com o Plano Piloto, seja em nível de estudo ou de trabalho. E todos são representantes de classe média. Esses dados podem ser relevantes num certo caráter de unicidade nas atitudes reveladas nas entrevistas, de que trataremos no capítulo 5

4.3 As entrevistas

O método de coleta de dados por entrevistas tem sido usado pela sociolinguística na obtenção de dados de natureza diversa e tem suscitado não

poucas controvérsias, principalmente no que diz respeito à coleta de dados de fala vernacular, próximo à fala natural, autêntica. De fato, é ingênuo acreditar que exista uma fala autêntica que possa ser captada fora da interlocução, já que a fala é por definição intersubjetiva. A entrevista é, antes de tudo, um evento de fala. (Wolfson: 1976; Bres: 1999)

A entrevista em nossa pesquisa objetivou incitar respostas diretas a perguntas que revelassem as atitudes dos entrevistados em relação ao tema proposto. Para isso, usamos como base um questionário que segue o modelo de perguntas semidirigidas, com as mesmas questões para todos os informantes e abertas a espaços criados dentro da própria interlocução. Esse tipo de entrevista facilita bastante o trabalho de coleta de dados, mesmo porque as pessoas em geral dispõem cada vez menos de tempo disponível para outras atividades que não sejam ligadas à suas rotinas, sendo a objetividade um valor importante de nosso tempo. Muitas das entrevistas foram realizadas nos locais de trabalho ou de estudo dos informantes. As conversas foram registradas em áudio e tiveram duração média de doze a quinze minutos.

Os contatos com os informantes deram-se sempre por intermédio de indicação de um conhecido comum, o que facilitou a aproximação com os entrevistados, pois nos colocávamos de certa maneira numa mesma rede social. O fato de a pesquisadora ser também originária da região pareceu favorecer a interação com os informantes, pois se gerava uma certa identificação.

As entrevistas realizadas tinham como principal objetivo entender, a partir das respostas dos entrevistados às nossas questões, se uma idéia de grupo

linguístico brasileiro existe, e como seus traços linguísticos são pensados e particularizados por eles. Para chegar a esse ponto, procuramos explorar antes as opiniões sobre a diversidade regional no Distrito Federal e um certo juízo de valor sobre a diversidade brasileira marcada na fala, no sotaque.

As perguntas giraram em torno de dados gerais dos informantes, num primeiro momento, e em torno de questões específicas sobre o tema. O objetivo colocado para os informantes era o de investigar como os brasileiros viam a questão de diversidade de sotaques presentes na cidade.

Quatro tópicos foram previamente definidos, distribuídos em quinze questões, feitas nesta ordem (o roteiro completo encontra-se no anexo):

A) Percepção da diversidade de sotaques presentes no Distrito Federal

- 1) Você nota diferenças de sotaque entre as pessoas em Brasília?
- 2) Você reconhece a origem das pessoas pelo sotaque em Brasília?
- 3) Você convive com pessoas de fora de Brasília na cidade? De que lugares?

B) Avaliação dos falares de fora

- 4) Qual sotaque brasileiro você acha mais bonito?
- 5) Qual sotaque brasileiro você acha mais feio?
- 6) Se você pudesse escolher algum, qual você falaria?
- 7) Qual não falaria de jeito nenhum?

C) Origem dos pais

- 8) Sobre seus pais, você identifica o sotaque deles?
- 9) Você acha que houve mudança no sotaque deles desde que eles vieram para Brasília?
- 10) Você acha que o seu sotaque é diferente do deles?

D) O falar de Brasília

- 11) Você já foi identificado como sendo de Brasília pelo seu jeito de falar fora de Brasília?
- 12) Você acha que existe um jeito brasiliense de falar?
- 13) Você acha que fala desse jeito?
- 14) Como é esse jeito?
- 15) Você identifica esse jeito como um sotaque?

O questionário foi testado duas vezes, com duas entrevistas. Nas questões de 12 a 15 tínhamos empregado o termo sotaque, e a pergunta 12, por exemplo, era: 'Você acha que existe um sotaque brasiliense?'. Essa pergunta acabou por suscitar uma resposta negativa, pois o entrevistado não associava sotaque à fala de Brasília, e inviabilizava as seguintes. Ao substituir o termo *sotaque* por *jeito* nas referidas questões, colocando-o explicitamente apenas na última delas, não houve empecilhos para a continuidade da entrevista.

Não surgiram reações de estranhamento nem ao tema nem às perguntas em si. Em Brasília, as formas de falar regionais são assunto que não

raro aparecem nas conversas cotidianas, talvez em face da própria diversidade constitutiva da cidade.

A dificuldade encontrada consistiu no próprio evento da entrevista, que é sempre especial e específico. O campo de investigação de atitudes não tem respostas metodológicas definitivas para o sucesso na pesquisa, mesmo porque os métodos têm de adequar-se aos grupos pesquisados. O que se passa com determinado grupo pode em outro contexto não acontecer. No caso de nossa pesquisa, a entrevista pareceu-nos eficaz como instrumento. Em outros contextos tanto temáticos quanto circunstanciais ela poderia ser absolutamente inócua.

Embora tivéssemos a intenção de ampliar ao máximo as falas dos entrevistados no processo interativo, nem sempre tivemos êxito, o que nos mostra que a importância do trabalho de campo reside também na sua prática constante e ampla.

5 Análise das entrevistas

Como afirmamos que a entrevista é antes de tudo um evento de fala, não podemos tratar o que ela nos aporta como simplesmente dados trazidos pelos informantes. Pretendemos, nesta análise, associar os “dados” à situação em que eles apareceram.

No contexto de nossa pesquisa, não havia espaço para “vazios”; os entrevistados encontravam-se obrigados pela situação de interação a emitir suas opiniões e a se posicionar positiva ou negativamente em relação aos temas, e mais, a se definirem em relação a um grupo e definirem o seu falar em relação a outros falares. Esse “constrangimento” provocado fez surgir opiniões e valores que revelaram estereótipos que ratificam, por seu turno, discursos correntes.

O primeiro ponto a ser levantado é o de como os entrevistados entendem *sotaque*, uma vez que não nos situamos aqui no nível técnico de que tratamos anteriormente (cf. 3.4). Essa pergunta, embora não explícita, estava presente no questionário em geral. Inequivocamente, *sotaque* está associado à

fala. Nessa fala está incluído o aspecto físico mais visível que são as marcas fonéticas e também o aspecto de representação de sotaque como saliência. Outra visão do sotaque presente é mais abrangente e equipara sotaque a dialeto, com seus aspectos lexicais e morfossintáticos. A partir disso, pretendemos avaliar as noções trazidas pelos entrevistados, algumas dicotomias estabelecidas, principalmente a dicotomia *sotaque x não-sotaque*.

Outro ponto interessante e que permeou as entrevistas é o da identificação dos entrevistados com Brasília entendida como Distrito Federal. Ao serem questionados sobre sua naturalidade, Brasília aparece como a cidade de nascimento, e não Taguatinga, Gama ou Ceilândia. Isso indica que, para afirmar-se exteriormente, há uma identificação positiva com a idéia de um grupo da capital. Podemos perceber também que a arquitetura social do Distrito Federal é complexa. Embora fisicamente haja uma separação clara entre o Plano Piloto e as cidades satélites, isso não se reflete no convívio social: todos os entrevistados têm forte ligação com o Plano Piloto. Nessa relação, é possível enxergar uma certa idéia de bairros e centro de uma mesma localidade.

Para facilitar a discussão, procederemos a uma categorização dos tópicos levantados. Citaremos alguns trechos de entrevistas que revelem as atitudes surgidas para cada tópico. Os entrevistados serão identificados apenas pelas iniciais do nome, a idade e a região de moradia.

Apesar de nossa pesquisa ter um caráter qualitativo, no processo de análise procuraremos apresentar alguns dados numéricos, com o intuito de encontrar tendências generalizadoras e não pesos quantitativos.

5.1 Categorização dos dados

5.1.1 A diversidade regional no Distrito Federal

Esse tópico tratava de estabelecer a percepção sobre diversidade nos dias atuais em Brasília pelos entrevistados e de obter uma idéia de sua vivência nessa diversidade. Era composto pelas questões: você nota diferenças de sotaque entre as pessoas em Brasília?; você reconhece a origem das pessoas pelo sotaque em Brasília?; você convive com pessoas de fora de Brasília na cidade?

“Em Brasília tem gente de tudo quanto é canto do Brasil” (A, 22, G)¹

¹ A primeira letra refere-se à inicial do nome do entrevistado, seguida da idade e da região: Plano Piloto-PP; Gama-G; Taguatinga/Ceilândia-T.

A resposta de um dos entrevistados parece resumir a opinião da maioria deles, de que Brasília se constitui basicamente pela diversidade de pessoas com sotaques diversos. Alguns, todavia, apontam para o fato de não notarem mais tantas diferenças assim, principalmente entre as pessoas de Brasília, estruturando uma idéia de grupo “daqui” em oposição aos “de fora”. A idéia da falta de sotaque já surgiu aqui com um dos entrevistados. Ele afirmou: *“em geral, o que eu sinto aqui em Brasília é que as pessoas não têm sotaque e em qualquer lugar que elas vão elas se apegam rapidamente ao sotaque daquele local.”* (T, 40, PP)

Um outro entrevistado estabeleceu a diversidade dentro da dicotomia estereotipada: pessoas de nível baixo=sotaque nordestino/pessoas de nível alto=sotaque padrão de Brasília: *“Pessoas de nível mais baixo geralmente falam com um sotaque mais carregado, meio assim cearense, misturado com brasiliense, uma coisa assim. Pessoas com um nível mais alto falam um sotaque padrão aqui, entendeu?”* (CH, 24, PP)

Apenas uma entrevistada não se julgava capaz de reconhecer a origem de nenhuma pessoa pelo sotaque, embora todos se julguem capazes de saber que são de fora de Brasília. Os sotaques citados como identificáveis estavam associados à idéia de força, de “altamente carregados”. H,28,T afirma reconhecer a origem de uma pessoa *“quando é muito forte, tipo um paulista mesmo, um gaúcho.”* Em geral, as regiões e estados citados dizem respeito às próprias regiões de origem das famílias dos entrevistados: Nordeste, generalizado, goianos, mineiros.

A convivência com pessoas de fora da cidade, no universo dos entrevistados, apresenta-se cada vez mais esparsa. Metade deles afirma conviver prioritariamente com pessoas de Brasília, e isso está distribuído igualmente entre as três regiões pesquisadas. Ou seja, é possível falar de uma geração brasiliense que se configura no convívio social.

5.1.2 Avaliação dos falares “de fora”

Formulado como tentativa de suscitar estereótipos, esse tópico compreendia as questões: qual sotaque brasileiro você acha mais bonito?; qual sotaque brasileiro você acha mais feio?; se você pudesse falar algum, qual você falaria?; qual não falaria de jeito nenhum?

Vários estados brasileiros foram citados tanto positiva quanto negativamente. Ao agrupá-los em regiões, foram positivamente citados em sua maioria os sotaques do centro-sul: gaúcho, mineiro, paulista da capital. Os sotaques nordestinos citados foram o da Bahia e do Maranhão, embora tenha sido especificado que este último não seria “eleito” para a fala do entrevistado que o citou como mais bonito. Brasília recebeu três indicações positivas, mas sempre com a ressalva por parte dos entrevistados sobre “a fala sem sotaque”. Um dos entrevistados apontou o sotaque do Pará, porque “*eles articulam bem, tem um jeitinho*” (T, 40, PP)

Dois sotaques que não haviam aparecido na avaliação positiva tiveram duas indicações negativas cada: o goiano, rejeitado sobretudo por seu /r/ associado à fala caipira, e o sotaque carioca, comumente associado a gírias excessivas. O sotaque do Sul recebeu duas avaliações negativas, e o que é apontado como qualidade para a avaliação positiva, o “falar cantado”, aqui se configura em “fala forçada, enjoada, metida”. Apareceram negativamente também, com uma indicação cada, os sotaques mineiro, pois os mineiros *“economizam as palavras”* (CH, 24, PP) e *“o paulista em geral”* (S, 25, PP).

Essas avaliações nos pareceram extremamente imediatizadas pela necessidade de dar uma resposta à entrevistadora, porém vimos surgir estereótipos correntes: os falares que vemos reproduzidos pela mídia nacional, os do centro-sul, bem avaliados; o falar maranhense, que parece ter sido citado levando-se em consideração o mito do “falar nacional correto”, caracterizado pelo uso do pronome “tu”.

As perguntas seguintes, que se referiam a um engajamento da parte dos entrevistados pela hipotética “escolha” de um sotaque para si, revelaram uma polaridade interessante.

O sotaque carioca, por exemplo, foi rejeitado para a fala de um terço dos entrevistados. Dois entrevistados voltariam às origens e escolheriam o sotaque mineiro de seus pais. O de Brasília surgiu como opção positiva também para um terço dos entrevistados, mas somente após a intervenção explícita da entrevistadora incluindo a possibilidade, numa indicação de que a fala de Brasília não é associada a sotaque pelos entrevistados. O sotaque baiano é o único

nordestino que seria escolhido, embora quase metade dos entrevistados tenha ascendência nordestina.

A falta de referência aos sotaques do Nordeste pelos entrevistados corrobora o estereótipo geral de rejeição *a priori* ao Nordeste e ao que ele representa: uma região economicamente desprestigiada. Reiteremos aqui que a região mais representada no Distrito Federal é a do Nordeste e que o Sul, por exemplo, é pouco significativo numericamente na região. Por sua vez, a reivindicação de uma fala de Brasília no mesmo nível de uma rejeição a uma fala carioca parece indicar uma busca de afirmação em relação a um estado culturalmente prestigiado.

5.1.3 A origem familiar

Esse tópico dizia respeito à percepção do chamado processo de difusão dialetal na fala dos pais pelos filhos. Compreendia as perguntas: sobre os seus pais, você identifica o sotaque deles?; você acha que houve mudança no sotaque deles desde que eles vieram para Brasília?; você acha que o seu sotaque é diferente do deles?

Todos dizem notar a mudança nos sotaques dos pais, o que é muito natural dado o tempo de residência das famílias na região – de 12 a 42 anos. A quase totalidade dos entrevistados diz não perceber sotaque nos pais, estando

presente a idéia de perda, amenização, suavização. S, 25, PP, por exemplo, afirmou: *“eu achava que tinha, mas depois eu fico pensando e não identifico o sotaque deles. Pra mim eles não têm mais sotaque de mineiro, assim, igual os dos meus tios de Minas. Eu não identifico o sotaque dos meus pais mais.”*

Com isso, a maioria dos entrevistados também não vê diferença entre o sotaque dos pais e o seu próprio, mas na direção de que “eles falam como eu” e não o contrário. T, 40, PP diz, sobre essa questão, em relação a seus pais mineiros, que: *“não, não acho muito diferente não. Eles também não têm, eles perderam muito sotaque, nunca cantaram muito, aquela coisa não. A maneira de falar é que é diferente pela diferença de idade.”*

Note-se que a representação geral de perda, suavização, amenização em relação ao sotaque dos pais caracteriza uma atitude de percepção, pelos falantes, do processo de difusão descrito em trabalhos anteriores. No entanto esses termos criam uma dicotomia presença x ausência que sustenta a idéia de surgimento de uma fala neutra e cria outra dicotomia: sotaque x não-sotaque.

5.1.4 A fala de Brasília

“Sou de Brasília, não tenho sotaque. Ando nas ruas, no parque...”

(Trecho de uma música do grupo Liga Tripa, formado em Brasília no início dos anos de 1980, grupo do qual um dos entrevistados faz parte)

Esse é o foco principal da entrevista. Aqui estão incluídas as cinco últimas perguntas: você já foi identificado como sendo de Brasília pelo seu jeito de

falar fora da cidade?; você acha que existe um jeito brasiliense de falar?; você acha que fala desse jeito?; como é esse jeito?; você identifica esse jeito como um sotaque?

Sobre a primeira das cinco questões, oito dos doze entrevistados nunca foram identificados como sendo de Brasília fora da cidade. Respondendo à questão, C, 19, T afirmou: *“Não. Geralmente não se identifica”*. Quatro já foram identificados como sendo de Brasília ao serem ouvidos. Dois deles comentaram:

“Lá em Natal, falou assim: ‘ah, você é de Brasília, não é?’ Falei assim: ‘é, como é que você sabe?’ Aí ele falou assim: ‘pelo seu sotaque’. Aí, eu fiquei: ‘ué, mas eu tenho sotaque’? (risos) Achei estranho, achei legal.” (A, 22, G)

“Em Minas mesmo. Até que quando eu passo muito tempo lá e que volto pra cá, eu fico falando meio puxado, assim, meio mineiro. Aí eu comentei isso com a minha prima. Aí ela falou: ‘mas o seu sotaque é muito diferente do daqui’. Aí ela me falando, minha prima, né: ‘não, que o povo de Brasília parece que não tem sotaque, que a gente aqui fala de um jeito, mas lá parece que não tem um sotaque, é diferente, né’.” (D, 20, G)

Sobre a existência ou não de um jeito, de uma maneira brasiliense de falar, a hesitação apareceu como marca em quase todas as respostas, pois nesse tópico os entrevistados foram solicitados a olharem para si mesmos e seu grupo, o que implicou um incômodo exercício de distanciamento. Dez entrevistados dizem que em Brasília já se desenvolveu uma fala particular aos brasilienses, mas a ressalva de que esse jeito é uma mistura, que se define por exclusão, já surgiu

aqui, antecipando a pergunta sobre as características dessa fala. Alguns deles afirmam não perceber a fala como um sotaque. Um deles não soube responder.

“Eu acho que tem a mistura, né, das várias regiões do Brasil. Eu acho que é uma mistura. Eu acho que é diferente sim.” (Lo, 20, T)

“Eu não sei. Eu não diria que Brasília tem um sotaque, eu diria que, como é muito misturado, como tem vários, é como se fosse uma exclusão de todos os sotaques, ou seja, não é nenhum deles, é... É, pode até ser um sotaque mesmo de Brasília, né, mas...” (D, 20, G)

“(...) eu acho complicado, porque na verdade a gente convive com pessoas do país todo aqui, né. Aí eu não sei se há. Mas algo, assim, é muito claro pra mim, que há, porque na verdade nós não falamos como se fala no Nordeste, no Norte, no Sul. Existe um, mas eu não consigo perceber isso como esses outros sotaques não. Eu não consigo ter essa percepção não.” (Ja, 30, G)

“Eu acho que não, porque, dependendo de onde você esteja, por exemplo, se você tá lá em Samambaia você vai notar diferença do sotaque das pessoas que moram lá. Agora aqui no Plano Piloto eu acho que é um jeito mais peculiar, entendeu, diferente.” (CH, 24, PP)

“Eu acho que não tem um sotaque assim. Eu acho que quem tem menos sotaque é Brasília.” (J, 24, PP)

Onze entrevistados consideraram-se representantes da fala brasiliense. Apenas um não soube responder. Alguns apontaram, no entanto, a influência dos pais em sua fala, principalmente quanto ao uso de expressões.

Para caracterizar o jeito brasiliense de falar, os entrevistados continuaram a recorrer à imagem metafórica de exclusão, de ausência, em oposição a outros falares, o que gera uma imagem de fala “neutra” e “séria”:

“Como é o jeito de falar brasiliense? É como eu falei, é um jeito de falar mais assim, meio sem característica, mas que criou a característica própria, sem muita diferença de entonação mesmo. Não é aquela coisa cantada. Um pouco mais sério. Eu acho que é um pouco mais sério.” (A, 22, G)

“Não sei, acho que taria mais próximo aos locutores que não têm sotaque nenhum. Você liga qualquer rádio em qualquer lugar, muitas vezes você não reconhece o sotaque do locutor. Brasília eu acho que tem um pouco disso assim. Não tem muita maneira de cantar, não, é uma maneira séria de falar. Taria mais ligado mesmo entre Rio, São Paulo, Nordeste, sabe, não tem palavras claras aqui, sabe, é meio difícil de identificar. (...) é basicamente sem sotaque, sem puxar nenhuma letra e sem cantar.” (T, 40, PP)

“Acho que tranquilo, não sei se tem a ver. Mas talvez por não enfatizar tantas... porque vários sotaques que a gente conhece do Brasil, há uma ênfase nas vogais, em determinadas sílabas, e isso acho que deixa mais forte o sotaque. Aqui em Brasília, por ser mais amenizado isso, talvez por isso seja mais tranquilo. Acho que há uma predominância maior em todas as palavras, não há uma sonoridade muito específica pra uma palavra, pra uma expressão.” (L, 23, G)

“(...) o jeito existe, mas o sotaque não existe pra mim. Ou eu poderia dizer que o sotaque brasiliense é a ausência de sotaque, sabe. (...) Pra não dizer que o sotaque não existe, por isso eu digo assim, que é a ausência de sotaque.

Porque eu penso, quando eu falo em sotaque, eu penso muito nessas expressões, que eu não vejo nenhuma expressão, de forma geral, presente no nosso jeito de falar, a não ser nos adolescentes.” (S, 25, PP)

Vemos claramente nessas respostas que o sentido de sotaque para os entrevistados passa por um discurso público que revela estereótipos de uma fala neutra, sem sotaque, definida em oposição às outras e por exclusão. À necessidade de se afirmar como diferente alia-se a dificuldade de se definir em meio à diversidade estabelecida. Assim, se há o reconhecimento de sotaque nos de fora, os de dentro não podem ter sotaque. Todos os elementos que parecem definir o sotaque são, em consequência, rejeitados. Os brasilienses não falam cantado, não enfatizam sons específicos, falam de forma “correta”, estável, sem expressões regionais que os identifiquem.

Em resposta à última questão, que toca na expressão sotaque diretamente, os entrevistados mostraram-se divididos: quatro reconhecem o falar como um sotaque brasiliense, quatro acham possível que se reconheça e três não consideram o falar como um sotaque e um não soube responder.

“Talvez o fato de não ter nenhuma característica de outros sotaques pode ser definido como se fosse um. Se você pensar assim: não é um baiano, não é um nordestino, não é um paulista, mas é um brasiliense em si.” (C, 19, T)

“Eu acredito que com o passar do tempo vai chegar a ser, mas ainda tá começando, porque é uma cidade muito nova, né, num ficou como um sotaque, mas eu acho que vai chegar a ser, com certeza.” (F, 24, T)

“Sim, porque é um jeito nosso de falar diferente dos outros tipos de sotaque, né. Então, a gente percebe que a gente está falando com um brasileiro pelo jeito de falar, entendeu, e é diferente dos sotaques de outras regiões. Então eu acho que existe um jeito da gente mesmo de falar, entendeu, um sotaque próprio nosso de falar, porque a gente identifica.” (CH, 24, PP)

“O não-sotaque como um sotaque? É, pode ser.” (T, 40, PP)

5.1.5 As cidades satélites

Para verificar a percepção dos informantes sobre as diferenças entre as cidades satélites e o Plano Piloto, perguntamos aos informantes das cidades satélites se eles viam diferenças no falar dos brasileiros moradores do Plano Piloto e das satélites. Não colocamos a mesma pergunta para os informantes do Plano Piloto em virtude de nenhum dos quatro ter ligação com qualquer cidade satélite. A visão estereotipada de classe, no entanto, foi apontada por duas vezes por um deles e citadas anteriormente: classe baixa como falante de dialeto nordestino, classe média/alta moradora do Plano Piloto falante de dialeto brasileiro.

Essas diferenças de classe surgiram também nas respostas dos moradores das satélites. Diferenças que remetem a nível econômico e a escolaridade.

“Não é muito diferente não. Tem diferença das pessoas que já tem ali um..., são de outros locais e vêm pra cá, mas daí a concentração de pessoas são

diferentes, né. Mas brasilienses que moram aqui e que moram lá eu acho que não tem diferença.” (C, 19, T)

“Acho que tem sim. É diferente o pessoal do jeito que a gente fala. O pessoal da Ceilândia fala muita gíria, agora o pessoal lá não, né já fala tudo certinho. O pessoal gosta de falar assim muito “pra”, né, lá já é “para”, num sei o quê. Tem um jeitinho todo assim pra falar. Acho que tem tipo uma manha no falar... no Plano Piloto. Aqui o povo já é meio desleixado, não liga muito no falar, no conversar. É como se tivesse batendo papo, não liga muito. Agora lá não, mesmo a gente conversando assim, informalmente, assuntos que não seja em relação à escola, eles conversam sempre com aquela formalidade toda.” (Lo, 20, T)

“Não só por causa disso, igual eu te falei, mas também pelo nível cultural também. Por exemplo, as pessoas que moram em Taguatinga que têm um nível mais superior eles procuram uma profissão melhor na vida, faculdade, essas coisas, você percebe uma diferença das pessoas que moram em Taguatinga, vivem no Plano, mas são de baixa renda. Vivem no plano economicamente. Aí você percebe. Como se fosse o português mais pro nordestino, mas não tão puxado. Isso eu percebo.” (H, 28, T)

“Não. Acho porque depende muito, tem que ver o tempo que a pessoa mora lá também, porque a minha irmã nasceu no Gama, eu nasci no Plano, mas eu não veria diferença. Dependeria muito do tempo que a pessoa mora, do tempo de convivência.” (L, 24, G)

5.2 Discussão

Uma idéia de grupo. Esse é o primeiro ponto que nos chama a atenção quando avaliamos os dizeres de nossos entrevistados. Ao reconhecer a existência de uma fala regional particular aos brasilienses e ao assumir-se representantes desse falar, os entrevistados inauguram a idéia de um grupo lingüístico regional. Dissemos anteriormente que falar em grupo ou comunidade só fazia sentido na medida em que os indivíduos percebiam-se parte de dado grupo ou de dada comunidade. Esse parece ser o caso aqui: temos indivíduos escolarizados, representantes de uma mesma classe social, a média, com valores semelhantes. Assim, entende-se um certo ar de unicidade em seus discursos sobre o tema.

Situar-se em relação a outros é uma atividade que estamos correntemente fazendo por meio da linguagem. Afinal, temos sempre seu caráter intersubjetivo presente: para todo *eu* há um *tu*. E não somente: muitas vezes há também um *ele*, explícito ou não. Definir-se por oposição, por sua vez, instaura valores dicotômicos e extremos de positividade e negatividade.

Ao assumir o pólo negativo da dicotomia, ao definir sua fala como um não-sotaque, uma fala sem traços característicos, embora particular (como se isso fosse possível), esse grupo corrobora para si mesmo a ideologia do moderno e do diferente, que moveu a própria construção da capital, e ratifica a imagem externa que se quer para o Distrito Federal. Internamente, esse discurso ajuda a justificar a estratificação social presente na região, ao definir como “de dentro” os que

estejam incluídos nessa nova categoria de fala, que por sua vez encontra-se prototipicamente representada no Plano Piloto.

Essa ideologia parece ser tão forte que não se encontra somente nas falas de nossos entrevistados. Ela encontra-se institucionalmente ratificada por um trabalho científico, encontra-se há pelo menos duas décadas registrada numa letra de música. São diferentes vozes que vêm corroborar a idéia de que representações e saberes lingüísticos são compartilhados e construídos social e historicamente.

Podemos aqui falar num exercício de construção de uma identidade lingüística por parte desses indivíduos? Não há dúvida de que identidades, sejam elas de que natureza forem, são processuais e constituídas, não nascem com os indivíduos.

Sobre isso, Rajagopalan (1998) afirma:

“A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo.”
(Rajagopalan: 1998: 41-42)

Essa fluidez de que fala o autor parece caracterizar com propriedade o caso brasileiro. O processo de formação de uma identidade lingüística

brasiliense está imbricado nas mudanças lingüísticas geradas dentro da diversidade regional formadora e tem sua base numa imagem lingüística nova que, se não se sustenta nos fatos, cria valores. Não seriam estes, afinal, que moveriam aqueles?

6 Considerações finais

O exercício da pesquisa muitas vezes suscita, durante a sua execução, muito mais perguntas que respostas. O fechamento do trabalho, com isso, acaba por revelar múltiplas aberturas e novas propostas.

Nossa pesquisa caracterizou-se como um estudo de atitudes lingüísticas de brasilienses dentro do seu próprio contexto sociolingüístico. Tentamos dar um tratamento inovador à questão da mudança lingüística ao abordar o fenômeno do ponto de vista dos usuários comuns da língua, revelando valores e representações que acreditamos estar na base do processo de construção de uma identidade lingüística por parte desses usuários.

Realizamos entrevistas com doze informantes baseadas em um questionário previamente formulado com o intuito de fazer surgir os saberes e estereótipos que sustentam um discurso público sobre a linguagem que tem no termo *sotaque* o seu ponto de base.

O que primeiramente nos chamou atenção para esse elemento lingüístico é o fato de que ele possui uma base física a partir da qual é possível descrevê-lo, mas ao mesmo tempo ele têm um valor de representação social que o faz adquirir tanto uma conotação positiva quanto negativa. Assim, uma gama de valores dicotômicos surge a partir disso, cuja representação extrema parece surgir na dicotomia *sotaque x não-sotaque*.

Uma das questões que nos colocamos ao longo da pesquisa e para a qual não encontramos solução é se essa dicotomia pode ser colocada universalmente. Em outros termos, se esse é um valor que atribuímos sempre ao outro, diferente de nós, como se sotaque fosse uma deturpação de um jeito normal de falar, a partir do ponto de vista de quem atribui tal valor. Essa não nos parece uma resposta que possa ser dada em termos absolutos, uma vez que um dos domínios a que pertence o sotaque é o da identidade.

No contexto brasileiro, sotaque traduz origem regional, geográfica. Regiões de migração oferecem dados desse e de outros fenômenos lingüísticos numa perspectiva de mudança. Brasília é um desses exemplos. Pesquisas centradas em mudanças nos falares de migrantes mostraram, entre outros aspectos, que há mudança em sotaques em ambientes de contato. A idéia de um novo sotaque a partir de uma miscelânea não seria e não é estranha. O que vemos acontecer em Brasília, talvez por verificarmos ali um fenômeno claro de mudança em processo, é a exarcebação de um valor negativo atribuído a sotaque no processo de afirmação de uma fala própria aos brasilienses.

Isso foi verificado junto a indivíduos de classe média. Fica aberta e premente a investigação de mesma natureza com indivíduos de classes baixas, menos escolarizados, menos identificados com a ideologia da moderna capital. Não vislumbramos que resultados surgiriam, mas certamente haveria dados novos e divergentes dos que temos, como por exemplo sobre a idéia de um grupo brasiliense.

Outra possibilidade de pesquisa que se abre é a de descrição do que venha a ser esse dialeto brasiliense, essa fala particular assumida por nossos entrevistados. Retomando Le Page e seu conceito de dialeto focalizado, poderíamos verificar traços que definam o dialeto brasiliense? Ou quatro décadas ainda marcam a incipiência desse fenômeno?

Gostaríamos posteriormente de investigar o papel da escola nesse processo. Sendo essa a instituição de padronização lingüística por excelência, entender como essa padronização se dá também no nível de constituição de uma pronúncia comum pelos alunos é de suma importância. Sabemos que, em geral, os professores de língua portuguesa não têm estado preparados para lidar com a diversidade lingüística. E sabemos também quantos valores estereotipados estão colocados em relação à língua na escola.

Finalmente, a questão do sotaque insere-se numa discussão maior que envolve os meios de comunicação e uma possível discussão de um padrão de pronúncia na mídia televisiva, sobretudo jornalística. Esse processo de padronização vem acontecendo e há indícios de que ele caminha na direção do que vemos caracterizado como “apagamento” de traços de pronúncia de origem,

de “suavização de pronúncia”, que tem como base os mesmos valores e representações do sotaque que vimos surgir aqui.

Assumimos o caráter indiciário do presente trabalho, porém acreditamos ter obtido êxito em traçar um panorama peculiar de um fenômeno que nos pertence a todos.

Résumé

Le présent travail a investigué des attitudes linguistiques de gens nés à Brasilia face à la diversité d'accents qui y sont présents depuis sa constitution et face au procès de formation d'une façon de parler propre aux personnes nés à la capitale. Des études antérieures ont abordé le procès de changement des patrons phonologiques des migrants et ont signalé un processus initial de formation d'un nouveau patron pour les nés à la ville. Nous avons démarré à partir de l'idée présente dans un discours courant à l'intérieur de la ville soutenant que les nés à Brasilia auraient constitué un parler sans accent. À travers des entretiens basés sur un questionnaire semi-dirigé, nous avons demandé aux informateurs, tous appartenant à la classe moyenne, des résidents de la partie centrale de la ville et de banlieues, de se prononcer sur: la diversité linguistique régionale au District Fédéral; les divers accents brésiliens; la perception du changement des accents de leurs parents et sur le parler de Brasilia, sujet qui constitue le point principal de notre recherche. L'évaluation des entretiens a révélé qu'il existe parmi les informateurs l'idée d'un groupe régional de Brasilia avec un parler propre défini par exclusion par rapport aux accents régionaux brésiliens divers. Ces résultats ratifient le discours publique qui fonde une identité linguistique régionale basée sur des valeurs ideologiques d'une élite qui cherche à se singulariser nationalement et qui, dans ce but, a besoin de se définir par la difference.

Mots-clés: attitudes linguistiques; accents régionaux; Brasilia; identité linguistique.

Referências Bibliográficas

Adant, J. (1989). "Difusão dialetal: o caso dos alagoanos em Brasília". Tarallo, F. (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes.

Anuário Estatístico do Distrito Federal 2000. Brasília: Codeplan.

Blom, J.-P. and J. J. Gumperz (1972). "Social Meaning in Linguistic Structure: Code-Switching in Norway". Gumperz, J. J. and Hymes, D. (eds.) *Directions in Sociolinguistic. The Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Bortoni-Ricardo, S. M. (1985). *The Urbanization of Rural Dialect Speakers - a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (1991). "Dialect contact in Brasilia" *International Journal of the Sociology of Language* 89: 47-59.

Bourdieu, P. (1982). *A Economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp: 1996.

Bres, J. (1999). "L'entretien et ses techniques". *L'enquête sociolinguistique*. L.-J. Calvet, L.-J. et Dumont, P. Paris: L'Harmattan.

- Chambers, J. K. and Trudgill, P. (1980). *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Clifford, J. (1998) *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Giles, H. and Powesland, P. F. (1975). *Speech Style and Social Evaluation*. London, Academic Press.
- Hanna, E. S. (1986). *Difusão e Focalização Dialetal: o caso de Brasília*. Brasília: UnB: dissertação de Mestrado.
- Labov, W. (1972a). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press.
- _____ (1972b). *Language in the Inner City*. Philadelphia: Pennsylvania University Press.
- Laver, J. and Trudgill, P. (1979). "Phonetic and linguistic markers in speech". Scherer, K. R. and Giles, H. *Social Markers in Speech..* Cambridge: Cambridge University Press.
- Le Page, R. and Tabouret-Keller, A. (1985). *Acts of identity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Melo, D. C. (1988). *Atitudes Lingüísticas e as Variedades Regionais de Fala no Brasil*. Brasília: UnB: dissertação de Mestrado.
- Milroy, L. (1980). *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell.

- _____ (1982). "Social network an linguistic focusing". Romaine, S. (ed.) *Sociolinguistic Variation in Speech Communities*. London: Edward Arnold.
- Rajagopalan, K. (1998) "O conceito de identidade em Lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?" Signorini, I. (org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras.
- Romaine, S. (1982). "What is a speech community?" Romaine, S. *Sociolinguistic Variation in Speech Communities*. London: Edward Arnold.
- Saville-Troike, M. (1982). "Attitudes toward Communicative Performance". *The Ethnography of Communication*. Oxford: Basil Blackwell: 1989.
- Scherfer, P. (1982) "A propos de une théorie et de l'étude empirique de la conscience linguistique". Dittmar, N. and Schlieben-Lange, B. (1982). *Die Soziolinguistik in romanischsprachigen Ländern. La sociolinguistique dans les pays de langue romaine*. Tübingen: Narr.
- Schieben-Lange, B. (1982) "Les objets de la recherché sociolinguistique II: attitudes. Introduction" Dittmar, N. and Schlieben-Lange, B. (1982). *Die Soziolinguistik in romanischsprachigen Ländern. La sociolinguistique dans les pays de langue romaine*. Tübingen: Narr.
- _____ (1993). *História do Falar e História da Lingüística*. Campinas: Editora da Unicamp.

Temas Codeplan 1 – Perfil Sócio-Econômico das Famílias do Distrito Federal.

Brasília: 1997: Codeplan.

Wolfson, N. (1997). "Speech Events and Natural Speech". Coupland, N. and A.

Jaworski, A. *Sociolinguistics - A Reader*. New York: St. Martin's Press.

Anexo – Roteiro das entrevistas

Dados gerais:

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Naturalidade:
- 4) Ocupação:
- 5) Origem dos pais - Pai: Mãe:
- 6) Tempo de residência dos pais em Brasília:
- 7) Estado civil:
- 8) Cônjuge – naturalidade - idade:
- 9) Escolaridade:
- 10) Parentes em Brasília:
- 11) Viagens para a cidade de origem:

As questões a seguir abordam a percepção geral sobre sotaques regionais brasileiros, tendo em vista a diversidade de origem das pessoas que aqui se encontram.

- 1) Você nota diferenças de sotaque entre as pessoas em Brasília?
- 2) Você reconhece a origem das pessoas pelo sotaque em Brasília?
- 3) Você convive com pessoas de fora de Brasília na cidade? De que lugares?
- 4) Qual sotaque brasileiro você acha mais bonito?
- 5) Qual sotaque brasileiro você acha mais feio?

- 6) Se você pudesse escolher algum, qual você falaria?
- 7) Qual não falaria de jeito nenhum?
- 8) Sobre seus pais, você identifica o sotaque deles?
- 9) Você acha que houve mudança no sotaque deles desde que eles vieram para Brasília?
- 10) Você acha que o seu sotaque é diferente do deles?
- 11) Você já foi identificado como sendo de Brasília pelo seu jeito de falar fora de Brasília?
- 12) Você acha que existe um jeito brasiliense de falar?
- 13) Você acha que fala desse jeito?
- 14) Como é esse jeito?
- 15) Você identifica esse jeito como um sotaque?

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE